

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 de MARÇO
DE 1960

Director: Guilherme P. da Rosa
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.018
ANO 54º

TELEFONE 32751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA
DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

GREGORY PECK NÃO TRABALHARÁ AO LADO DA MONROE

Por **ORIANA FALLACI**

SE Marilyn Monroe não fosse uma das mais inteligentes mulheres da América, o que sucedeu nestes últimos dias bastaria pelo menos para destruir-lhe os seus complexos de inferioridade e para fazê-la atravessar, sôzinha, uma passagem de nível com o combóio a chegar: ela que não ousa descer de um passeio se não for acompanhada por cinco pessoas. E se Gregory Peck não fosse um dos homens mais pacientes de Hollywood, contrário à violência e ao turpilóquio, seria motivo para perguntarmos a nós próprios quantas vezes, nestes últimos dias, ele a mandou para o Inferno: maldizendo o momento em que renunciou ao filme do qual aquela que obstinadamente continuam a chamar «ganço alegre» mudou o título, o guião e o protagonista mas, culino.

O facto é que Gregory Peck está justamente convencido de que, para interpretar o papel de tal personagem, não havia qualquer necessidade de recorrer ao nome de Marilyn Monroe. Um outro facto é que Gregory Peck veio à Europa para propagandear o seu filme «A Última Praia», onde representa ao lado de Ava Gardner, e não de Marilyn Monroe. Por último é que ele havia jurado a si próprio que não pronunciaria mais meia frase sobre Marilyn Monroe. E, em vez disso, desde que deixou a sua casa de Smmmit Ridge, não o fizera falar senão desta incrível mulher que consegue totalizar a atenção do Mundo sempre que fica grávida, torce um tornozelo, interpreta um filme ou faz qualquer distúrbio.

A odisséia começou no aeroporto de Los Angeles, onde Gregory Peck chegou em companhia de sua mulher Verónica, para se dirigir a Nova York, primeira fase de uma viagem publicitária que terminará em Moscovo, para onde

Peck foi convidado a apresentar a Khruschchev «A Última Praia». Gregory parecia estar, dizem, inulgarmente cordial e falador. Deslocar-se a Moscovo está hoje em dia tão na moda como o era para os nossos avós irem a Paris ou a Budapeste e, para sublinhar a importância desse acontecimento, ele havia, até, preparado uma declaração para ler aos jornalistas. Mas foi imediatamente interrompido por várias perguntas: «Que pensa de Marilyn Monroe?» «Porque não rodou o filme com a Marilyn Monroe?».

Gregory, diz-se ficou mal disposto e, proferindo algumas palavras de ocasião, subiu no seu aeroplano, em direcção a Nova York, convencido de que aqui os jornalistas seriam menos importunos. Mas ao descer na grande cidade, fizeram-lhe as mesmas perguntas, e o mesmo sucedeu em Paris, contrário ao seu optimismo, e apesar da presença de Verónica, que é francesa e fora uma jornalista de «France Dimanches».

Era de mais. Diz-se que Gregory Peck ficou muito aborrecido com isso. Ficou-o, sobretudo, Verónica que rapariga sensível como e não perfilha a opinião de Wilder, segundo a qual Marilyn é «um nó por tal forma satirico de sexo e inocência que não causa moléstia às mulheres ciumentas».

Em Roma, onde já não voltava há sete anos, ninguém teria ousado perturbá-lo com perguntas sobre Marilyn Monroe, pensava ele. Mas quando o avião aterrou na pista de Ciampino e Gregory desceu a escada juntamente com a sua consorte, as mesmas implacáveis perguntas foram-lhe dirigidas. «Não fiz aquele filme — respondeu aos cronistas — porque sou um homem feliz. Foi sem dúvida, uma grande sorte fugir de um filme e ao mesmo tempo da Callas. «The Guns of Navarrone», que me preparo para rodar na Grécia em Fevereiro, terá outro «partner». Mas foi uma sorte ainda maior fugir de um filme com a senhora Monroe. Vejam eu aprecio as mulheres que sabem aquilo que querem, mas aprecio também viver em paz. O que penso dela? Penso que é uma maravilhosa actriz na vida. Se será também uma boa companheira de trabalho eu, propriamente, não o sei. Não tive tempo para aperceber-me disso. Se me desagradou não ter rodado aquele filme juntamente com ela? Um pouco, é evidente: um filme com a Monroe é sempre um óptimo êxito de bilheteira».

A frase final pareceu pouco galante, como de resto todo o seu discurso. É necessário, sobretudo, saber qual é o êxito de Gregory Peck na Europa para compreender a sua irritação. Perder, de facto, não agrada a ninguém, mas muito menos a um homem de quarenta e três anos que é perito em

diplomacia cinematográfica, como Gregory Peck, quando uma mulher como Marilyn Monroe chega a mostrar-lhe que a julga mais longa. A espaços, Marilyn Monroe é-nos, com efeito, apresentada como uma idiota, uma mulher ignorante, uma esposa abatida pela dor de não dar à luz um filho, um fenómeno, enfim, para psicanalistas e fisiólogos e ninguém imagina, porém, que Marilyn Monroe possa ser também, ou apenas, uma mulher que sabe aquilo que quer e consegue obtê-lo, graças aos equívocos que os outros alimentam sobre a sua personagem.

O filme de que todos falam idealizou-o Billy Wilder para Marilyn Monroe e Gregory Peck. Originariamente, narrava as vicissitudes de um multimilionário que decide investir o seu capital em empresas teatrais e se apaixonou por uma rapariga do coro. Chamava-se, de facto, «The Billionaire». Wilder ofereceu, portanto, o papel a Gregory Peck e Gregory, sem opor-se ao nome de Marilyn Monroe, aceitou-o. Ofereceu-o a Marilyn Monroe, e Marilyn, embora opondo-se secretamente ao nome de Gregory Peck, que ofuscava um pouco o seu, aceitou-o. A única modificação que exigia, explicou, era a do título: «The Billionaire» assemelha-se demasiadamente a «How to Marry a Millionaire» e as repetições não me agradam».

A modificação foi concedida. A película passaria a chamar-se «Let's make love». Marilyn quis, depois, ler o guião e descobriu que a sua parte era excessivamente breve em confronto com a de Peck. «Se Billy permitir — disse Marilyn. — o meu Arthur dará uma olhadela por ele. Sabe, o meu Arthur é comediógrafo. Sabe escrever bem e, além disso, inventa muitas passagens divertidas». Billy permitiu e Arthur fez muito mais do que dar uma olhadela pelo escrito, e acrescentou-lhe algumas partes. Trabalhou durante uma semana, dia e noite, no seu apartamento de Nova York e, quando terminou, era evidente que da ideia original de «Let's make love», restava muito pouco. Em suma, o filme não contava já a história de um multimilionário que se apaixonou por uma rapariga do coro, mas de uma rapariga do coro que se apaixonou por um multimilionário. A coisa não desagradou muito a Billy Wilder mas desagradou a Gregory Peck, que, apoiado por Verónica, pediu, por seu turno, licença para dar uma olhadela pelo guião «se a senhora Monroe permitir».

A senhora Monroe permitiu. Gregory Peck e Verónica trabalharam outra semana no guião e,

quando terminaram, era evidente que das modificações introduzidas por Arthur Miller restava muito pouco. A história da rapariga do coro tornou-se novamente a história do multimilionário. Marilyn não fez comentários ao insulto dirigido contra Arthur. Fez uma coisa muito mais inteligente: começou a comer como uma tísica necessitada de muita nutrição e engordou catorze quilos. Disseram-lhe que assim não era possível fazer o filme; ela respondeu: «Não quereis, de certo, pôr em jogo a minha felicidade conjugal».

«Faço-o — disse — com o alívio de quem se libertou de um pesadelo. Não quero ouvir falar da senhora Monroe durante o resto da minha vida».

Gregory partiu. Marilyn fez aceitar o guião escrito por Miller e escolheu Rock Hudson entre os muitos candidatos que esperavam substituir Peck. «O filme estará acabado por todo o mês de Fevereiro. Não é extraordinário?», replicou Monroe. «Como estou contente. Tudo é muito interessante. Pergunto, às vezes, a mim mesma porque partiu Gre-



Gregory Peck com a sua mulher Verónica Passoni, antiga jornalista francesa

Para a convencerem de que a sua felicidade conjugal não era afetada, foi necessário muito tempo. Por fim, Marilyn Monroe convenceu-se, mas já havia decorrido bastante tempo. Gregory Peck começaria «The Guns of Navarone» em Fevereiro e Wilder tinha, com ele, outro compromisso. Era necessário apressarem-se. Passaram-se mais alguns dias e, tornando-se já impossível concluir o filme até Fevereiro, Gregory Peck, exasperado, renunciou a ele.

gory. Talvez não lhe agradasse a sua parte. Mas sabeis que digo? Dois nomes como os nossos num só filme são demasiados. Não se pode fazer pagar ao público um duplo bilhete».

**Este número foi visado
pela Comissão de Censura**

HUMORISMO



— Custou, mas sempre consegui o aumento!



— Está lá? É da Secção de Achados e Perdidos? É para dizer que a minha mulher já está em casa!

NUM RESTAURANTE

Trata-se de uma cena ocorrida num estabelecimento de terceira ordem:

— Olha lá, ó rapaz, esta sopa está intragável; não se pode comer.

— Porquê, freguês?...

— Lá que ela trouxesse olhos no caldo, admite-se; o que eu não admito é que traga pestanas.

NUM EXAME DE QUÍMICA

— Ora diga-me, sabe certamente que os mais terríveis explosivos se extraem dos produtos mais ordinários... Pode citar-me algum?...

— O... o... tenho vergonha de pronunciar o seu nome, senhor professor!...

LAMENTAÇÕES

Numa barraca de quermesse, entre duas meninas casadoiras:

— Credo! Ninguém repara em mim, estou arreliadíssima!

— Também eu, minha filha. Estou farta de me sorrir para os que me compram rifas e... nada!...



— Este modelo consegue fazê-la muito mais alta!



SEM LEGENDA

SIDNEY POITIER

O REI NEGRO DO CINEMA



Marilyn Monroe, num dos seus simpáticos sorrisos

SIDNEY POTIER afirmou há pouco a um jornalista americano, quando da exibição privada da versão de «Porgy and Bess», o seu 13.º papel cinematográfico: «Para os actores negros a vida no cinema não é fácil. Porém, sinto-me hoje completamente realizado». Durante os seus dez anos de estúdio, com algumas interpretações de profundo recorte dramático, Poitier não pode envidar-se de grande número de oportunidades. Não que se verificasse o ódio ao artista negro mas as possibilidades estavam restringidas ao mínimo, em face de novo padrão de produção de Hollywood, e essa produção sempre tende a promover a idolatria (aliás nem sempre legítima) da beleza e do sexo. Sidney Poitier é um dos raros exemplos da vitória de um actor negro coroada por uma interpretação magistral — a dos «Audaciosos», onde com Tony Curtis disputou a preferência do público e da crítica. Ninguém, até agora, entre os artistas de cor conseguiu o renome e a estabilidade de Poitier, principalmente depois da sua interpretação em «Porgy and Bess», que a propaganda da Columbia começa a lançar em todo o Mundo com grande sensação. Quem quiser citar o nome de Harry Belafonte incorrerá num erro: o veículo do seu sucesso é a voz e não o temperamento. Poitier, por seu turno, é o actor por vocação, formação e temperamento.

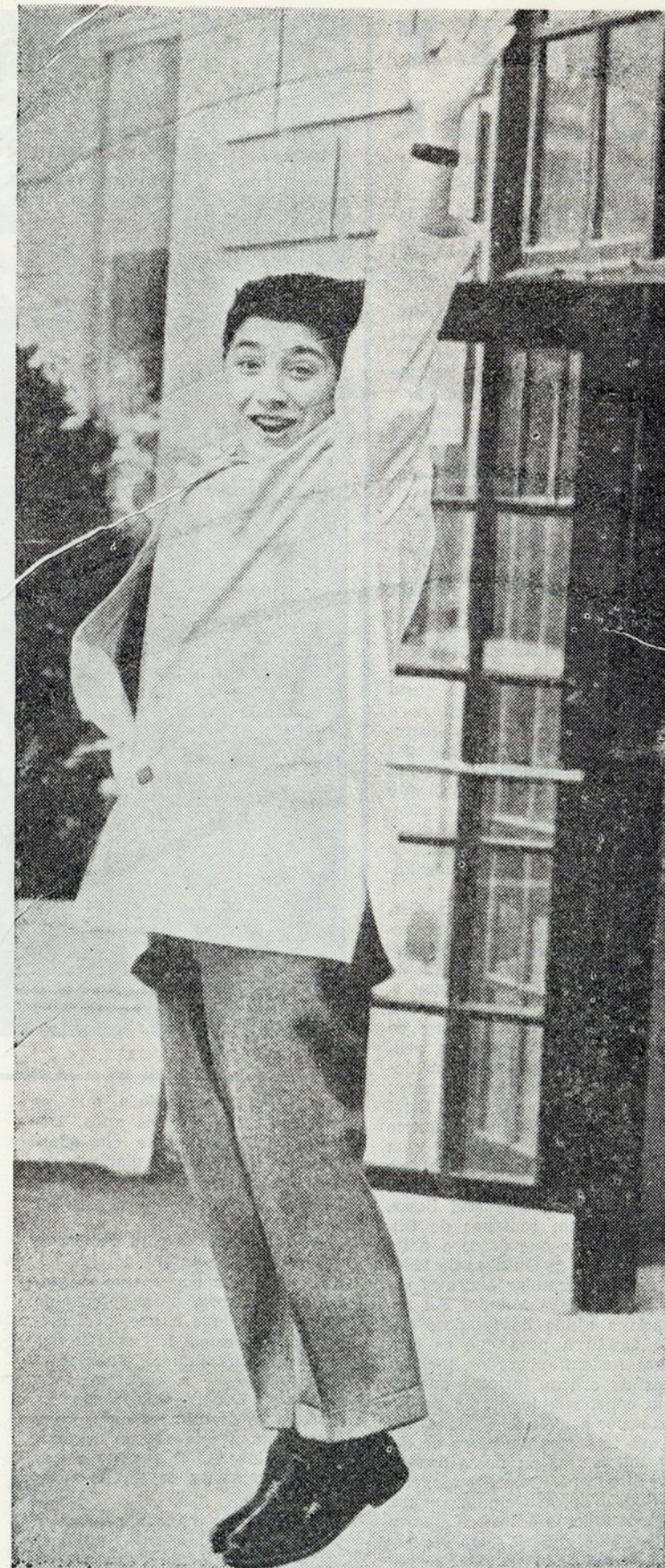
A melhor experiência adquirida por Poitier foi-lhe fornecida pelas próprias dificuldades de um jovem sem profissão definida. Nascido em Nassau, nas Bahamas, filho de um modesto plantador, Sidney ajudava o pai nos trabalhos de lavoura. Através do irmão decidiu tentar a vida na Geórgia e depois em Nova York, onde pensava encontrar melhor colocação. Porém, só com enorme dificuldade conseguiu colocar-se como moço de recados. Depois, foi mudando sucessivamente de profissão sem verdadeiramente se fixar em nenhuma: guarda de automóveis, ascensorista, operário de construção civil, motorista de camião, empregado de restaurante, estivador, etc. Nas horas de ócio, Poitier costumava ler revistas, jornais, livros. Tudo era, autenticamente devorado pelo

jovem cujas aspirações, nesse tempo, nada tinham de ambiciosas. O acaso levou-o certa tarde ao «American Negro Theater», por uma notícia de um jornal onde se prometia emprego a «extras». Sidney tentou a sorte e conseguiu um modesto lugar nos bastidores. Assim começou a familiarizar-se com a vida do teatro, passando depois a interpretar pequenos papéis. Uma oportunidade na peça «Lysistrata», outra em «Anna Lucasta» e Sidney Poitier descobriu uma maneira mais fácil de ganhar a vida. A consciência dramática só a adquiriu com o tempo: as citações do seu nome nas colunas de crítica teatral obrigaram-no a uma vigilância mais atenta das suas actuações. E passou a encenar o teatro sob um novo prisma.

O produtor Darryl Zanuck assitiu a uma actuação de Poitier na Broadway e convenceu-se de que encontrara o intérprete ideal para personificar a figura do dr. Luther Brooks, o médico negro de um hospital de Nova York, personagem de um drama sobre o problema racial. No seu primeiro filme «Ódio Cego», Poitier alcançou o nível de um actor experimentado. Seguiram-se outras películas: «Red Ball Express», «Go, man, go», «Sementes de Violência», o primeiro, válido estudo feito por Richard Brooks sobre a juventude transviada. Em 1957, reviveu na tela uma das figuras que tinha criado no palco da vida, quando era apenas um pobre e infeliz rapaz de cor: o de estivador no filme «Um Homem Tem Três Metros de Altura», extraído duma peça escrita para a televisão por Robert Alan Arthur, na qual Poitier já conquistara o prémio «Sylvania» que galardoou a melhor interpretação dramática do ano. Sob a direcção de Marcia Ritt, Poitier deu calor humano à sua personagem. Depois a sua

(Continua na pág. 6)

O ÍDOLO DAS
MULTIDÕES:
PAUL ANKA



SIDNEY POITIER

(Continuado da pág. 5)

espantosa criação em «Os Audaciosos» deu-lhe confiança definitiva e o título que merece absolutamente: o do maior actor negro do cinema

Poitier, na vida real, tem muito de comum com o Tommy Tyler de «Um Homem Tem Três Metros de Altura»: a sua atitude diante de tudo é sempre leal e sincera. A consciência e a modéstia continuam a ser características dominantes do seu carácter. É também dotado de profundo sentido profissional. Um exemplo frisante da sua dignidade artística: quando a Associação Americana dos Homens de Cor levantou celega com os produtores de «Porgy and Bess», duvidando do carácter válido social da obra, Poitier anunciou que não participaria na película se a Associação mantivesse o seu ponto de vista.

A Associação considerou justa a defesa de Poitier e retirou o protesto. A película foi interpretada com superior dignidade por Poitier que conquistou mais um triunfo. Aliás, o actor só aceitou o papel depois de o ter lido atentamente e verificar que não diminuía a sua raça, processo usado igualmente em todas as suas anteriores interpretações.

E surgiu «Porgy and Bess». Certa facção do público que se recusava a aceitar a música de Gershwin deixou-se vencer pela versão cinematográfica da ópera que é, todos os anos, um cartaz infalível do Metropolitan Ópera House de Nova York. A realização da película é uma homenagem a um dos maiores compositores modernos: o primeiro génio musical dos Estados Unidos e o último romântico da Broadway. Há mais de uma vintena de anos que os maiores produtores de Hollywood tentavam adaptar à tela «Porgy and Bess», extraída de um romance de Dubose Howard e que desde a noite da estreia (10 de Outubro de 1936) continua a acumular enormes sucessos em todo o Mundo. Foi necessária a ajuda do fabuloso Samuel Goldwyn para que os obstáculos fossem superados, incluindo os de ordem jurídica que tinham constringido outros produtores a pôr a ideia de parte. O filme, que importou em cerca de dezoito mil contos na nossa moeda, foi realizado por Otto Preminger e distribuído pela Columbia para todo o Mundo. O «cast» de actores é inteiramente constituído por artistas de cor tendo à cabeça uma



FAZENDO PELA VIDA...

das artistas «colored» que se revelaram nos últimos anos: Dorothy Dandridge (que em «Carmen Jones» atingiu o plano de vedeta internacional) interpreta o papel de «Bess». Sidney Poitier faz o «Porgy», o coxo.

Agora, Poitier decidiu dedicar-se à formação de jovens actores negros. «Pouco a pouco, irão surgindo novos papéis para actores de cor e a verdade é que, presentemente, não existe nos «casts» dos estúdios um número suficiente. Vou dedicar-me a ensinar dança e canto. Depois iniciaremos as actividades dramáticas para o que conto com a colaboração de óptimos professores. É urgente a formação dramática de jovens artistas de cor».

Embora não concorde com os métodos seguidos pelo «Actor's Studio», o estilo de representação

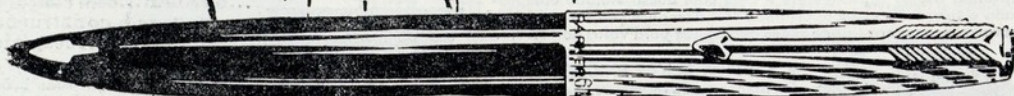
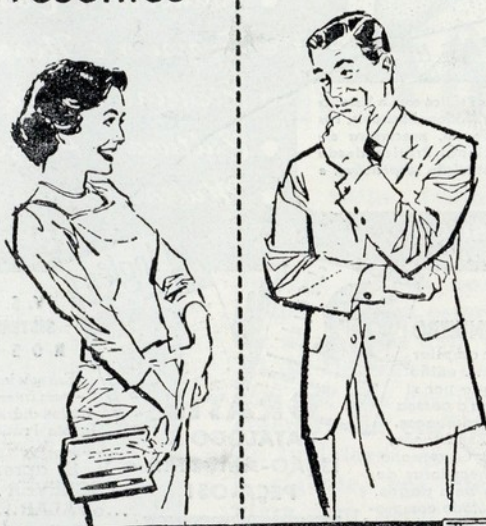
de Poitier assemelha-se muito aos dos actores que se evidenciaram com as lições de Elia Kazan e Lee Strasberg. Poitier terminou há pouco uma peça na Broadway, «A Raisin in the Sun», e está indignado para fazer também o principal papel masculino na versão cinematográfica. Recebeu igualmente um convite de Marlon Brando para participar numa produção do famoso actor: «Paris Blues».

A Academia de Artes e Ciências de Hollywood mantém perante o caso Sidney Poitier um silêncio injustificável. Quando se decidir premiar com o «Oscar» uma das interpretações do espantoso actor negro terá abdicado de erros e de omissões flagrantes e, também, de um velho tabu: o de que os artistas negros não podem figurar entre os premiados.


O Mais
Eloquente
de Todos os
Presentes

Parker 61

a caneta de acção capilar



Procurar o presente adequado deixa de ser um problema ao deparar com esta caneta, a mais extraordinária de todas as canetas Parker! A Parker 61 é o presente a oferecer com a certeza de que será extremamente bem recebido, visto ser a expressão eloquente do alto apreço em que se tem a pessoa presenteada. Antes que surja a primeira oportunidade de oferecer um presente de categoria, peça uma demonstração da maravilhosa Parker 61, o novo modelo de caneta que enche por si própria, é absolutamente estanque e à prova de choque. Ficarà sabendo então qual o motivo porque a Parker 61 é entre todas as marcas a preferida para presentes.

UM PRODUTO DE

 THE PARKER PEN COMPANY

Veja hoje ainda a Parker 61 — Cinco modelos à escolha — todos com lapiseiras condizentes.

NO. 9-6421

Aprenda INGLÊS

AMPLIE SEU RAIO DE AÇÃO EM

- Indústria e Comércio
- Turismo e Negócios
- Ciências e Artes
- Cultura e Prazer
- Muitas Outras Atividades

RECONHECIDA PELA INDÚSTRIA RECOMENDADA POR ALUNOS E GRADUADOS

Aprenda Inglês Prático com o Sistema Rosenkranz de National Schools, Los Angeles, California, precursora do Ensino Vocacional Prático desde 1905. Uma Instituição responsável e séria!

ESTES DOIS LIVROS GRÁTIS LHE DARÃO AMPLAS INFORMAÇÕES...

AUMENTE SUAS OPORTUNIDADES, MELHORE SEU EMPREGO E GANHE MAIS DINHEIRO!

Se V. S. se interessa em seu progresso pessoal — em ampliar suas oportunidades — em aumentar sua renda... então **APRENDA INGLÊS!** Olhe a seu redor... verifique por si mesmo as inúmeras oportunidades que existem para a pessoa que sabe Inglês e Português. Diariamente... Hotéis, Bancos, Agências de Turismo, Companhias de Importação, Exportação, Comércio, Laboratórios, Fábricas, Escritórios de Governo e muitas outras atividades, solicitam pessoas conhecedoras de Inglês e Português, para postos importantes e bem pagos. Aprenda Inglês rapidamente e bem com nosso método comprovado e aproveite estas oportunidades. Assegure seu futuro! Mande o cupão e receberá informações completas pela volta do correio.

V. S. APRENDE COM O SISTEMA ÁUDIO-VISUAL ROSENKRANZ

Em seu lar e nas horas livres — sem interromper suas atividades diárias — V. S. aprende Inglês Prático rapidamente e bem.

V. S. aprende a LER... ESCREVER... ENTENDER... e FALAR... sem cansar-se com regras e construções gramaticais desnecessárias para seu objetivo.

E à medida que estuda suas lições, ouve seus discos e pratica com seus exercícios, V. S. sentirá que faz parte ativa do ambiente criado em qualquer parte onde se fale o Inglês.



V. S. RECEBE DISCOS FONOGRAFICOS

Os discos estão claramente gravados e são inteiramente práticos. Eles apresentam-lhes situações reais tomadas da vida-cotidiana; e ao ouvir suas audições, V. S. sentirá a presença de seu professor... um professor sempre disposto a repetir qualquer lição!

MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO!

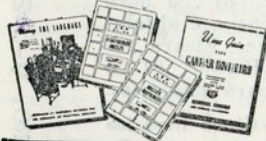
RECEBERÁ TAMBÉM LIÇÕES E EXERCÍCIOS

V. S. aprende a estrutura do idioma Inglês com nossas lições claras, fáceis de entender e profusamente ilustradas. Os exercícios, por estarem ligados às audições, lhe permitirão aprender a pronúncia correta do idioma Inglês.



DAMOS-LHE TUDO QUE É NECESSÁRIO

V. S. receberá Dicionários, Folhetos e Lições Especiais, Serviço de Consulta, Orientação Amistosa de Professores Competentes e... **TUDO QUE NECESSITA PARA APRENDER RAPIDAMENTE E BEM!**



ESTA É A OPORTUNIDADE QUE V. S. ESPERAVA!

Não importa qual seja sua ocupação. Se V. S. aprende INGLÊS Não haverá limite a suas possibilidades em seu emprego, profissão ou negócios.

NATIONAL SCHOOLS
ENSINO TEÓRICO — PRÁTICO DESDE 1905
LOS ANGELES 37, CALIFORNIA, U.S.A.

DR. L. J. ROSENKRANZ, Presidente
Dpto. PCL
4000 S. Figueroa St.
Los Angeles 37, California, U.S.A.

Mande-me seus Livros GRÁTIS "O Idioma Inglês" e Lição-Amostra.

NOME _____ IDADE _____

ENDEREÇO _____ CIDADE _____

EST. OU PROV. _____ PAIS _____